**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

# PIBID E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA INFÂNCIA: UMA REFLEXÃO PELAS LENTES DA PSICANÁLISE E TEORIA CRÍTICA

Valter Luiz do Prado Junior - UEL
valterprado2@gmail.com;
Marta Regina Furlan de Oliveira – UEL
mfurlan.uel@gmail.com

**Eixo 1**: Educação e Infância

**Resumo**
Este texto tem por objetivo principal analisar e refletir acerca da formação de professores da infância à luz dos estudos psicanaliticos e teoria crítica e das experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UEL). A discussão está envolvida peloss estudos relacionados ao Projeto de Pesquisa – "Semiformação e Educação no contexto da sociedade danificada: para além do território demarcado" da Universidade Estadual de Londrina e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância e Teoria Crítica com Iniciação Científica sem bolsa. O estudo se faz necessário principalmente no que tange a relação entre psicanálise e educação, que já tem um processo histórico de discussão desde a obra de Freud e Adorno ao longo de seus trabalhos. A metodologia é de cunho bibliográfico à luz dos fundamentos da Teoria Psicanalítica em Freud e possíveis confluências com a Teoria Crítica acerca do processo formativo docente. Os resultados apontam para o campo da docência, de maneira geral, para além da sala de aula, necessitando de que o professor esteja ancorado por um conjunto de saberes necessários a um trabalho significativo e de mais qualidade.

**Palavras-chave**: Formação de Professores; Infância; Psicanálise.

## Introdução

O interesse concernente à relação entre psicanálise e educação é bastante antigo, sendo esta temática discutida desde a obra de Freud, em diversas passagens esparsas ao longo de seus trabalhos. Particularmente a partir da década de 1910, este assunto encontrou lugar de destaque na obra de alguns seguidores do pai da psicanálise, entre os quais devemos destacar Ferenczi (1908), Oskar Pfister (1921) e Melanie Klein (1921), para citarmos apenas os mais relevantes.

O volume significativo de trabalhos sobre o tema, sua importância tanto para a pedagogia quanto para a psicanálise e a convergência por vezes ambígua e controversa entre estas duas disciplinas têm motivado o surgimento de estudos dedicados a revisar ou compendiar as contribuições existentes sobre o assunto e suas possíveis implicações para o campo formativo docente.

Seguindo esta linha de teorização, o problema central versa por tal questionamento: Qual a contribuição da psicanálise na educação e no processo formativo docente?

Esse estudo se faz necessário, uma vez que se dedica à educação como um processo histórico e culturalmente sistematizado pelo homem, e que propõe alternativas de apoio à formação e prática docente, principalmente no que tange a relação entre psicanálise e educação, que como se sabe, já tem um processo histórico de discussão desde a obra de Freud e Adorno em diversas passagens esparsas ao longo de seus trabalhos. A discussão é pertinente e está envolvida pelo estudo relacionadas ao Projeto de Pesquisa – "Semiformação e Educação no contexto da sociedade danificada: para além do território demarcado" da Universidade Estadual de Londrina e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância e Teoria Crítica com a Iniciação Científica sem bolsa.

Este texto tem por objetivo principal analisar e refletir acerca da formação de professors da infância à luz dos estudos psicanaliticos e teoria crítica e das vivências e experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UEL).

## Metodologia

A metodologia é de cunho bibliográfico à luz dos fundamentos da Teoria Psicanalítica em Freud e possíveis confluências com a Teoria Crítica de Sociedade acerca do processo formativo docente.

Nesse sentido, em sintonia com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID/UEL em que envolve estudantes da 1ª e 2ª séries do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina e das leituras e estudos desenvolvidos na Iniciação Científica sem bolsa por meio da participação do GEPEITC e do projeto de pesquisa citado anteriormente, há a necessidade de buscar pela pesquisa embasamentos teórico-metodológicos acerca das temáticas envolventes no trabalho pedagógico docente, bem como seu processo formativo.

Em se tratando do PIBID, podemos afirmar que este programa desenvolve um importante trabalho para a formação docente uma vez que fomenta a iniciação à docência, por meio da prática em sala de aula, durante o período de formação inicial (Graduação em Pedagogia), contribuindo para a valorização e

aperfeiçoamento na formação de professores e para a melhoria da qualidade da educação básica e pública no Brasil.

Mais do que uma excelente oportunidade para que sejamos inseridos na cultura da escola, o PIBID possibilita, através da práxis, a superação de algumas concepções que minimizam o valor da atividade formativa, relacionado à docência. É de grande importância ao processo formativo docente, uma vez que a experiência *in loco* viabiliza o contato com a realidade da escola e da perspectiva dos professores e professoras, mas, também, das crianças, uma vez que podemos encontrar nas reações das mesmas, em relação à ação do docente, um parâmetro de análise (observação/ação/reflexão) do processo educativo.

Além disso, a proposta visa proporcionar um constante aprimoramento profissional e pessoal, para coordenadores, supervisores e bolsistas, reconhecendo principalmente o caráter dinâmico e social da profissão do professor e o papel representado pela escola e, em especial, pela sala de aula na formação inicial e continuada.

No caso do contato com as crianças, pudemos vivenciar ricas experiências com os pequenos, com idades entre de 4 e 5 anos, turma em que ficamos desenvolvendo ações relacionada a docência. O contato direto com profissionais atuantes na educação infantil, nos agraciou com múltiplas possibilidades de aprendizagem: seja na observação da ação docente; na articulação da teoria com a prática, através da transposição didática, ou ainda, e, especialmente, nas trocas afetivas que ocorrem entre os alunos do PIBID, professoras e as crianças.

A discussão em torno da questão educacional parte de um enfoque crítico sobre como se dão as relações na Educação Infantil e de que modo estas podem ser potencializadas, no sentido de contribuir para o desenvolvimento saudável da criança que acaba de “deixar” seu primeiro lugar seguro e de referência social (a família). É neste ambiente, a educação infantil, que a criança passa a ter acesso a cultura letrada, o conhecimento sistematizado, as normas sociais, todas mediados pela ação dos professors, que se prtende intencional.

Neste sentido, a formação docente, inicial e continuada, se nos apresenta como ponto de convergência entre o academicismo com suas ideias especulativas e sem resultado prático e a prática desprovida de embasamento teórico, que por assim ser, não passa de experimentação.

## Resultados e Discussão

Ao nos apropriamos de uma leitura de Freud, procuramos analisar e refletir acerca da importância da psicanálise para o processo formativo de professores, bem como a possível denúncia de posturas pedagógicas meramente adaptativas e não emancipatórias. Tentaremos reivindicar o esforço teórico em contraposição ao praticismo reinante nas intervenções feitas em prol da educação, principalmente no que tange a formação de professores da infância.

Se olharmos para o processo histórico de constituição da psicanálise, que, ao longo do último século, teve um papel incontornável na compreensão do funcionamento mental, constataremos seus contributos sendo progressivamente integrados, também, no domínio educativo.

Podemos verificar, ainda, que a psicanálise foi acolhida nos discursos pedagógicos como uma possibilidade de solução dos “ditos” problemas escolares (crianças desajustadas em relação às normas do convívio social, escolar, familiar etc.) e, a distinção estabelecida entre criança-problema e criança deficiente, que na pedagogia tradicional eram classificadas sob um único rótulo: o de criança anormal.

A reflexão psicanalítica aplicada ao domínio pedagógico permitiu reconhecer a enorme diversidade de fatores envolvidos na aprendizagem e suas limitações. Uma das contribuições, especialmente importante, advém do relevo dado aos aspectos mais escondidos na educação e na aprendizagem, nomeadamente os aspectos inconscientes da relação educativa.

Mais do que a defesa de uma nova pedagogia, busca-se demonstrar a importância de uma educação emancipadora, que possibilite a ruptura com o processo de massificação e contribua para a autonomia do sujeito. Para Adorno, filósofo da chamada escola de Frankufurt, uma das principais responsabilidades do processo educacional, é romper com a barbárie, que é a violência não só no âmbito físico, mas também a ausência das mínimas condições para que o individuo se realize. Segundo o autor, a educação deveria então se configurar como ferramenta para a humanização e a escola um dos principais lócus deste processo. Assim a educação seria condição básica para a luta contra a massificação e alienação,

promovendo a formação de indivíduos cultos e responsáveis, prontos para intervir de forma ética numa sociedade de vertente democrática.

Essa visão segundo Adorno, (1995) seria uma tentativa de superar a barbárie no sentido geral como condição para a sobrevivência da humanidade. Por isso postula o papel da educação como fator primordial para a sobrevivência da humanidade, tendo como base a formação cultural contra a ignorância e qualquer tipo de violência. Adorno conceitua e identifica o sentido da barbárie em dois aspectos: objetivo, referente aos fatores e situações sociais que contribuem para a violência no âmbito estrutural, da ordem das relações produtivas e, nos aspectos humanos inerentes à constituição da subjetividade, o que envolve reconhecer fatores que dizem respeito à dinâmica psíquica dos indivíduos, à “sua alma”, ou “espírito”, no sentido filosófico da singularidade humana: seus desejos, necessidades, sentimentos e emoções.

O próprio Freud marcou esta abertura, considerando a aprendizagem humana como um conceito que não é unitário, mas muito variável e complexo, ao ponto de, nem a Psicanálise nem a Educação, separadas ou em conjunto, poderem pretender ser os únicos árbitros da verdade e de produção de conhecimento sobre ela.

O que a Psicanálise oferece ao professor é “uma verdade” e não “a verdade” acerca da aprendizagem humana. É, contudo, uma verdade fundamental, sem a qual o trabalho do educador é vulnerável a ser minado por forças que se exercem nas pessoas e entre elas e que estão para além da compreensão do professor e sua ação pedagógica.

A importância dos aspectos emocionais implicados na situação de aprendizagem mostra como há uma ligação estreita entre a aprendizagem e o sofrimento mental. Soluções fáceis para evitar a dor mental podem conduzir ao enfraquecimento da capacidade de aprender. Daí a importância da receptividade e abertura para aprender a partir dos sentimentos projetados em nós, como professores, por eles, crianças.

Desde o nascimento o bebê passa a ter contato com signos da cultura a qual está, agora, inserido. Numa relação simbiótica com a mãe o indivíduo recém-chegado ainda não possui ferramentas para compreender sua existência ou o mundo que o rodeia, aos poucos, conforme recebe os afetos de seus cuidadores

primeiros – os pais - desenvolve capacidades que o possibilitará fazer a troca afetiva, comum e necessária a esta etapa do desenvolvimento.

Desse modo, grande parte do primeiro ano de vida é dedicada à sobrevivência, através formação e elaboração dos instrumentos de adaptação necessários, em outras palavras, a mãe será o objeto principal da criança no primeiro ano de vida, e a partir disso ele terá uma relação complementar, a que chamamos díade.

Desligar-se de sua primeira referência no mundo, os pais, deixar a segurança do ambiente familiar e adentrar ao mundo escolar-social-político e regrado, representa um corte nas relações até então estabelecidas pelo indivíduo em desenvolvimento e isso causa sofrimento. Contudo, nesta troca social existente na escola de educação infantil, é possível constatar que os direcionamentos de alguns professores vão, muitas vezes, na contramão da autonomia desejada e tão necessária às crianças.

Durante as observações que compõem o PIBID, foi possível identificar posturas diferenciadas frente a este tipo de ocorrência. Algumas caracterizadas pelo cuidado punitivo e expresso em frases do tipo: “Se não para de chorar não vai ganhar”, ou “Essa criança só sabe chorar” e, outras em que se observou em momentos de cuidado, mas, que não se limitou a “maternagem”, expressos em falas como;” Estou aqui, você está bem”, ou ainda, “Você está bem, eu estou com você”!”.

Neste contexto é possível perceber o choro, por exemplo, como uma maneira da criança comunicar suas angústias, muitas vezes de separação dos pais. Seu acolhimento colabora para um desenvolvimento mais seguro do indivíduo, enquanto sua punição denuncia mais um sintoma do adulto cuidador do que um “problema” da criança que chora.

A criança que Freud descortina sente tristeza, solidão, raiva, desejos destrutivos, vive conflitos e contradições, é portadora de sexualidade, escapa ao controle da educação e “[...] é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor, por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme” (FREUD, 1907).

Por outro lado, manifestações ditas como negativas, por contrariarem as normas sociais, como as agressivas, também estão presentes na educação desde a primeira infância.

A constatação desta afirmação foi possível ser percebida, durante as atividades do PIBID, nas falas de uma criança de 5 anos. Uma menina de pele clara, cabelos ruivos para amarelos, estatura acima das demais crianças, com tom de voz fraco, quase que inaudível, a primeira escuta, que se expressa como quem imita um bebê que principia a construção da linguagem através de balbucios.

Na grande parte dos dias em que estivemos em sala ela iniciou a conversa contando sobre “aquisições” possíveis, no futuro. Como na fala em que a mãe vai comprar um vestido de uma ou outra princesa, ou, que vai ganhar um acessório de uma ou outra personagem. Ou ainda que, quando crescer, vai ser como uma delas descrevendo um delírio que, invariavelmente, é reforçado por histórias contadas em sala, pela professora, ou em músicas oferecidas às crianças, ou ainda, pelas festas programadas com temas musicais ou de personagem que está “em alta”, nas escolas de Educação Infantil. A escola, assim, se transformou em simples instrumento a serviço da indústria cultural, que trata o ensino como uma mera mercadoria pedagógica em prol da "semiformação".

Embora a criança, que tomamos como estudo de caso, apresente traços tão dóceis e infantilizados, em suas atitudes direcionadas aos adultos, suas relações com outras crianças demonstram certo nível de agressividade que destoa dos demais, no grupo. Ao disputar um brinquedo ou objeto, ou, ainda, na formação de uma fila, a menina apresenta um olhar ameaçador, que direciona ao colega em situação de disputa, seguido de empurrões ou apertos nos braços, numa demonstração de raiva ou, segundo palavras de uma das professoras, “ruindade”. Interessante foi perceber que apenas nas situações em que a menina apresenta comportamentos agressivos, tidos como inaceitáveis socialmente é que a professora intervém, geralmente também com gestos e palavras agressivas, do mesmo modo, inaceitáveis. A mesma postura, por parte da professora, não se apresenta quando a menina simula não ouvir uma ordem do adulto, ou ainda, esquecer como se senta ou como se fala “corretamente”, num comportamento regressivo, incompatível com sua idade ou estágio de desenvolvimento. O que transparece, na elaição que a professora faz, em ralação as intervenções, é uma postura de maternagem, como uma mãe que seja suficientemente boa.

A questão da agressividade no ser humano suscita, desde Freud, uma situação contraditoria: todos admitem que a agressividade existe no ser

humano, mas custam a admiti-lo como pesente nas crianças. Em “O mal-estar na civilização” (1930), Freud coloca esta questão, ao dizer que:

> Por que necessitamos de tempo tão longo para nos decidirmos a reconhecer um instinto agressivo? Por que hesitamos em utilizarmos, em benefício de nossa teoria, de fatos que eram óbvios e familiares a todos? Teríamos encontrado provavelmente pouca resistência, se quiséssemos atribuir a animais um instinto com uma tal finalidade. Todavia parece sacrílego incluí-lo na constituição humana; contradiz muitíssimas suposições religiosas e convenções sociais. FREUD, S. (1930).

Pensar a agressividade é pensar a constituição da cultura, da educação, da sociedade e da civilização. Para Freud (1920), as raízes da agressividade se localizam na reação às inevitáveis frustrações, no contato com o princípio de realidade. Nesse aspecto, a agressividade extrapola o sentido da violência. A agressividade diz respeito a um elemento primário, inerente ao ser humano e compõe a energia libidinal. Para compreender essa lógica, é necessário identificar a visão de homem na psicanálise. O sujeito da falta é movido por uma energia libidinal, que o acompanha em sua constituição humana (instintos primários), e a agressividade rege a necessidade de satisfação imediata (princípio do prazer). Para Freud, (1920), a violência é uma contingência da energia libidinal que retorna aos instintos agressivos sob a forma de razão. Para que o sujeito possa sublimar sua agressividade deverá reprimir seus instintos mais agressivos de satisfação imediata e, com isso, passar pelo teste da realidade, elaborar essa energia como possibilidade de ser aceito socialmente e adquirir cultura (princípio da realidade).

Assim, a agressividade também compõe a constituição humana. Tudo aquilo que diz respeito às ações e às atividades humanas reflete a maneira como o sujeito administra a própria agressividade tendo a cultura como termômetro que mede os limites toleráveis da agressividade, ou, em outras palavras, para aquilo que se entende por aceitação social.

Estar no mundo requer tempo, estudo e dedicação, tudo ao custo alto do sofrimento. Se para adultos “cônscios” de sua condição no mundo, esta não é uma tarefa das mais fáceis, para as crianças pequenas, como a criança citada, este é um tempo sombrio, assustador e muito, muito confuso.

Freud, em “O mal-estar da civilização” (1930) nos diz que o preço da cultura ou da educação é mais que castração ou interdição, são elaboração e renúncia. Não basta ao homem reprimir seus instintos mais agressivos, há que elaborá-los para que os sublimem sob a forma de atitudes aceitáveis socialmente, como os estudos.

O desenvolvimento da civilização pode ser compreendido como um processo peculiar experimentado pela humanidade, caracterizado pelas modificações que ele ocasiona nas habituais disposições pulsionais dos seres humanos, resultando numa certa economia da libido, que para Freud constituiria a "tarefa econômica de nossas vidas" (FREUD, 1930)

Em geral, a civilização tem de ser defendida contra o indivíduo e seus regulamentos. Instituições (como a escola) e ordens dirigem-se a essa tarefa. A questão fatídica parece residir na possibilidade ou não de conciliar as reivindicações individuais de felicidade e as exigências contidas no processo de desenvolvimento em curso. Deste modo fica mais fácil compreender a ambivalência nos comportamentos que a criança de 5 anos apresenta uma fala tão infantilizada, com atitudes tão agressivas.

## Conclusões

A formação de professors da infância, inicial e continuada, se nos apresenta como ponto de convergência entre o academicismo com suas ideias especulativas e sem resultado prático e a prática desprovida de fundamentação teórica, que por assim ser, não passa de experimentação. Neste sentido, o que se ansiamos, é poder absorver conteúdos, apreender informações e construir novas possibilidades de fazeres docentes que sejam capazes de reconhecer, na prática diária, atitudes e didáticas que concorram para uma pedagogia que visa à emancipação do indivíduo, partindo da escuta qualificada, do acolhimento das angústias (individuasi e do grupo) e da resignificação da prática docente.

Nesse sentido, ações como as possibilitadas pelo PIBID representam alternativas importantes ao modelo educacional vigente, na medida em que trabalha com a formação inicial do profissional que vai acompanhar os indivíduos em seu percurso formativo, construindo as bases de uma vida adulta consciente, crítica e emancipada. É na prática e pela prática, em consonância com a

teoria, que se dá uma formação consistente, que seja significativa e producente. E, em assim sendo, a iniciação a docência é uma excelente porta de entrada para o mundo do qual nós, professores em formação, faremos parte em breve, colaborando com seu desenvolvimento e continuidade em prol de novos horizontes pedagógicos voltados a libertação da opresssão e massificação herdada pela civilização. O caminho para isso é formar um indivíduo culto, com conhecimentos científicos, humanos e artísticos, preparado para uma vivência democrática.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Pibid/UEL/2018-2020 pela realização dessas vivências que possibilitam tantos aprendizados.

## Referências

ADORNO, T. **Educação e Emancipação.** Trad. Wolfgang L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREUD, S. (1907). Gradiva de Jensen e outros trabalhos. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 09. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.